

IRMINSÛL

Varg Vikernes



Vogelsprache
Propaganda

Írmisûl

Varg Vikernes

Esse material foi traduzido primeiramente para fins de estudo histórico e literário – uma vez que é difícil encontrar materiais sobre o assunto em nosso idioma que sejam neutros e/ou fiéis aos originais. Os produtores desta não demonstraram interesse em apoiar o conteúdo do autor, e nem de fazer apologia a movimento de nenhum cunho, seja ele qual for. Assim como não demonstraram em nenhum momento serem favoráveis a nenhum dos termos, frases, declarações ou textos aqui contidos.

Com o intuito de melhorar a edição anterior de 2014, esta obra foi produzida com o intuito de viabilizar o manuseio e expandir o acesso ao conteúdo deste documento além dos meios eletrônicos, mas físicos. Não desmerecemos o trabalho anterior dos primeiros editores e nem dos tradutores, mas em uma primeira leitura foi-se capaz identificar pontos necessários de urgente intervenção, seja em âmbito editorial, de diagramação e de organização, a viabilizar uma organização uma melhor leitura.

As notas de rodapé foram inseridas no corpo do texto em parênteses logo após o uso da palavra que a nota faria referência, nada que altere o sentido do texto, mas para que o texto se faça compreendido logo de início.

Edição Revisada

Fevereiro de 2016

Irmisûl, por Varg Vikernes

Irmisûl, por Varg Vikernes

Aos estudantes.

Irmisûl, por Varg Vikernes

Nota da Tradução

A presente obra é uma tradução da versão na língua inglesa, por Vidar *Ermesjø*, do livro *Irmisûl*, de Varg Vikernes.

Varg Vikernes nos apresenta uma visão singular do que teria sido o *Irmisûl*, assim como o que ele representa e o que deve vir a representar. Com comparativos e metáforas que refletem o nosso cotidiano serão mostradas teorias sobre a inclusão de mitos na nossa sociedade. Não se limitando ao ceticismo e nem a fantasia judaico-cristã, alguns termos metafísicos serão abordados de forma simples e incomuns. Passando longe do “politicamente correto”, alguns argumentos mais fortes da seguinte obra poderão irritar os mais desavisados.

Enfim, independente da opinião alheia e indiferente de concordar ou não com o conteúdo, a ***Vogelsprache Propaganda*** oferece a obra a todos os leitores que buscam informação ou material independente, seja para fins de estudo, de lazer ou simplesmente informação.

Irmisûl, por Varg Vikernes

I

Nos dias atuais existe uma grande incerteza acerca do que realmente teria sido o *Irmisûl*, e também a que propósito servia esse pilar divino. Aprendemos que os saxões adoravam o *Irmisûl* como um deus.

Nós sabemos que eles faziam sacrifícios e organizavam *Things* (uma palavra em *old-Norse* (norueguês antigo) que significa concílio ou reunião) em torno dele. No entanto, o alcance do nosso conhecimento termina aí. Somos incapazes de aprender mais sobre o *Irmisûl* quando nos baseamos em livros modernos.

“Saxões” era um nome comum dado a uma série de tribos germânicas que residiam na região norte do que chamamos hoje de Alemanha. Provavelmente essas tribos receberam esse nome por causa de uma característica única de suas espadas, chamadas de Sax. Uma espada fina de uma só lâmina, ou uma faca grande e pesada. A palavra *saks* – tesoura – do norueguês moderno, deriva disso.

A ligação entre essas tribos era uma crença compartilhada de que o *Irmisûl* era sagrado. Acreditava-se que sem esse pilar o céu poderia cair sobre suas cabeças. Para mostrar que eles estavam errados, Carlos Magno (Carlos Magno é também conhecido como o Franco “*Karl the Great*” (ou *Charlemagne*)) cortou a árvore no ano de 772

d.C. O pilar caiu, mas o céu não. Os saxões, durante essa época, haviam perdido todos os seus líderes. Carlos Magno assassinara aproximadamente 5000 líderes saxões enganando-os para que fossem desarmados às negociações.

Os saxões restantes, subseqüentemente desistiram de lutar contra os cristãos. No entanto a tocha foi passada para as tribos da Escandinávia. E assim chegamos ao que conhecemos como "*A Era dos Vikings*". Nessa época testemunhavam-se os escandinavos navegando e lutando desesperadamente contra o supremo poder cristão.

Os saxões são retratados como muito primitivos em filmes e livros modernos. Sua religião consistia em adorar uma árvore, que eles chamavam de *Irmisûl*. Eles oravam para esse pilar, faziam sacrifícios e dançavam em torno dele. Nos filmes vemos bárbaros sujos e seminus que se ajoelhavam em torno da árvore, que choravam de medo quando ela era cortada, e que depois disso eram convencidos de que Jesus era o caminho certo, permitindo-se serem cristianizados.

Tais filmes e livros depreciativos sobre o *Irmisûl* e – claro – sobre os saxões são criados por cristãos e judeus. Eu poderia escrever um pouco aqui sobre essa ferramenta de propaganda e para que ela serve, mas é provavelmente desnecessário. Vou simplesmente dizer que essas representações não nascem exclusivamente da desonestidade e malícia intencional, mas da verdadeira ignorância como tal. Pois nunca entenderam o que

realmente fora o Irmisûl, tampouco porque a árvore era tão importante para os saxões.

Por volta do ano 850 d.C. Rudolf von Fulda descreveu o Irmisûl como a "*Universalis columna, quasi sustinens omnia*³", que significa: "O pilar do mundo, que mantém tudo para cima". O pilar suportava o mundo e impedia a queda do céu.

Claro que isso soa ridículo para o homem moderno, pois não acreditamos que o céu possa cair sobre nossas cabeças; mas não pode?

Para entender o *Irmisûl* devemos mudar o domínio da ciência moderna. Uma das questões feitas pela ciência é "*Como o universo foi criado? Por um Big Bang?*". Outra questão que tem sido colocada pela ciência seria saber se o universo estaria se expandindo ou se contraindo. Foi em 1960 que um cientista norueguês descobriu que o universo, de fato, estava se expandindo em crescente velocidade. O universo irá morrer devida sua contínua expansão. Todos os astros estão se movendo para mais e mais longe uns dos outros. Até que ao fim, sua energia se extinguirá e o céu escurecerá para nós.

Outra teoria suporta que a força da gravidade fará com que os astros se retraiam para que novamente se encontrem em algum ponto. Com isso ocorreria um novo *Big Bang* e tudo tornaria a acontecer.

Ambas as possibilidades são descritas na mitologia germânica. Aprendemos que no

Ragnarök "o Sol vai perecer" e "o céu vai ficar escuro", mas que também "o céu pode cair". Se reformularmos as palavras de Rudolf von Fulda a respeito do *Irmisûl*, podemos interpretá-lo como sendo um pilar universal que previne que objetos – do espaço – caiam sobre as nossas cabeças. Tudo se torna mais sólido para nós.

Os saxões, como anteriormente falado, constituem um nome para uma série de tribos germânicas. Para entender o que eles acreditavam e o que significavam seus símbolos devemos compará-los com outras crenças e símbolos de outras tribos germânicas. Todas as tribos germânicas acreditavam nas mesmas coisas. Todas tinham de modo comum a mesma cultura, mesma religião e mesma linguagem, assim como todos possuíam a mesma constituição genética em comum.

Não temos *Irmisûl* na Escandinávia. Nem mesmo nada que se aproxime disso. Ao menos é o que dizem os livros. Porém novamente devo vos lembrar que são livros escritos por judeu-cristãos com motivos dúbios. Até mesmo nas Sagas os pilares divinos fazem sua aparição. Dentro da Noruega, em *Setesdalen* e *Telemark* eles duraram até os anos 1700.

Aqui no norte nós chamamos esses pilares como *Öndvegssûlur* (pilares-tronos), onde muitas vezes ficavam aos pares, um em cada lado do *Öndvegi* (O Trono.

Traduzido literalmente, *Öndvegi* significa “*caminho do espírito*”, mas na verdade é o nome do trono do líder tribal e dos camponeses.). Nosso nome para o *Irmisûl* é *Veraldarsûla*, que significa “*a Coluna do Mundo*”.

Sabemos pouco sobre como o *Irmisûl* parecia. Poderia ter sido como uma grande árvore ou como um grande pilar. Por outro lado sabemos mais sobre os pilares escandinavos. Eram pilares cortados, possuindo rostos no topo – um rosto para cada pilar. Mesmo quando nossos antepassados construíram igrejas de blocos eles as construíram com esses *Veraldarsúllur*, às vezes até mesmo com iconografia pagã. Quando os noruegueses colonizaram a Islândia, lançaram os pilares ao mar, permitindo-lhes escolher aonde se fixar. O local onde os pilares parassem seria o local a ser povoado.

Os pilares escandinavos também eram adornados com pregos, também chamados de *Reginnaglar* (Garras divinas). Outros nomes para esses pregos eram *Regingaddi* (Espinho divino) ou *Veraldarnagli* (Prego do mundo). Esses pregos eram postos no topo dos pilares e apontados para o céu.

O pilar que ficava sozinho representava o Deus Trovão, *Þórr* (Thor). Os outros que ficavam aos pares simbolizavam os dois braços. Uma das mãos de Thor segurava um martelo, a outra era somente uma palma vazia. Os pregos de metal ao topo dos pilares simbolizavam os raios lançados por Thor e seu martelo.

O fato de que o *Irmisûl* é idêntico ao nosso deus-pilar pode ser visto pelo próprio nome. Para os germanos o nome conhecido mais antigo de Thor é *IrminiaR*. O nome significa algo como “o grande” e “o forte” e se refere a um Thor com enorme força física e força de vontade. Assim, o *Irmisûl* é o “Pilar de Thor”.

Thor, juntamente com seu martelo, nos é conhecido pela mitologia como o deus que sempre lutava contra *Jotuns* e *Trolls*. Ele empunhava o martelo e esmagava seus crânios, um a um. *Jotuns* e *Trolls* são incontroláveis forças da natureza, que constantemente ameaçam tanto deuses quanto humanos. Portanto devem ser domados por Thor e seu martelo.

A força no nosso sistema solar que impede que o céu caia sobre as nossas cabeças é o campo gravitacional de Júpiter. Se não fosse por Júpiter, um enorme meteorito teria caído na Mãe-Terra (*Mother Jörð*) e extinguido toda forma de vida em uma era passada. Esse é Thor, e o campo gravitacional é o martelo. A força incontrolável da natureza é o meteorito, que vem do grande além, do espaço desconhecido – *Jotunheimen*.

Na mitologia romana, Thor com o martelo equivale ao deus Júpiter. O fato de Júpiter ser um planeta vermelho explica porque Thor possui uma barba vermelha nos nossos mitos. Os círculos ao redor de Júpiter são como o Cinto da Força de Thor.

O pilar ao lado do trono é a gravidade, a força gravitacional de Júpiter, que previne que algo do céu caia sobre as nossas cabeças. Esse é o motivo que Thor usa o martelo para esmagar as cabeças de *Jotuns* e *Trolls*, protegendo tanto deuses quanto humanos.

Irmisûl, por Varg Vikernes

II

O deus mais antigo na mitologia germânica é *Búri*, conhecido pelos saxões como *Tuisto* ou *Tuiscon*. Nosso Thor deriva desse “*proto-deus*”, do mesmo modo que os demais deuses que temos. O “*proto-deus*” germânico é retratado em rochas como tendo as duas mãos levantadas apontando para o céu. Em uma das mãos está o “*Sól do Céu*” (Sol) e na outra está a “*Máni do Céu Noturno*” (Lua). Quando dizemos que o lobo come a Lua, nos referimos ao mito em que o Lobo Fenris come uma das mãos de Týr. A manifestação natural que representa isso é o eclipse lunar. Do mesmo modo que acontece com outros deuses, Týr também deriva de *Tuisto*.

Os dois braços do Deus do Trovão são idênticos as duas palmas de *Tuisto*. Um deles representa o martelo de Thor, o outro representa o Sol. Esse é o papel do “*proto-deus*” como Thor. O martelo de Thor é a conservação da vida no universo, e o Sol é a força de criação.

Há três proto-forças no universo. Podemos chamá-las por diversos nomes:

Óðinn (Odin), *Víllir* (Vilje) e *Véi* (Ve);
Istwô, *IrminiaR* e *IngwaR*;
Óðinn, *Lóðurr* (Loki) e *Hœnir*;
Óðinn, *Þórr* e *Freyr*.

A força de Odin é explosão, a força de Thor é a gravidade, e a força de Freyr é a imobilização. Respectivamente: explosão, implosão e o harmônico estado de equilíbrio, que sempre aparece no meio da transição do domínio da força sobre a força do outro – ou seja, equilíbrio entre duas proto-forças originais. Se Odin joga uma bola pra cima, é Thor que a puxa pra baixo; Freyr é o momento em que a velocidade da bola é igual a zero.

Esse é o universo em que me refiro aqui, sendo que se trocarmos a palavra “*bola*” da metáfora por “*astros*”, teremos o ritmo do universo. Odin seria o *Big Bang* que gerou matéria em todas as direções, Thor é a força que tenta reunir tudo junto novamente.

Já citei que o universo está se expandindo com aumento de velocidade, o que prova que a força gravitacional é fraca demais para desacelerar a expansão do universo. O que os cientistas esquecem é que a força da explosão ainda está ativa, dando força aos astros de tal modo que ainda possam acelerar. As ondas de explosão irão perder seu poder e a força gravitacional assumirá o controle e o universo começará a se juntar novamente – depois de um breve momento de calma. O momento em que as forças de Odin e Thor infligirão um montante de força igual sobre a massa do universo.

A diferença entre as duas forças é que a de Thor é constante, a de Odin varia de uma força enorme para nada, até que novamente volte a ser enorme.

O segundo pilar, então, é a explosão, que nós constantemente vemos no Sol e nos demais astros. Esse é o olho de Odin e a força criadora, que outrora criara o universo com uma violenta explosão. O *Big Bang*.

Irmisûl, por Varg Vikernes

III

O pilar que se encontra localizado entre os outros dois, entre o martelo de Thor e o olho de Odin é o trono do líder tribal. A tarefa do líder tribal é conduzir os rituais no santuário (*Ve*), fazendo isso para que possa manter o equilíbrio no seu reino. Ele quer as chuvas de Thor, que caem ao solo devido a força de gravidade, também quer os raios de luz de Odin sobre os campos. Ele quer paz, mas também guerra. Ele quer riquezas, mas não muita – pois ela só leva à decadência. Ele quer equilíbrio. A razão da negatividade no reino é aumentar as possibilidades positivas para que tudo funcione. Ele lidera uma tribo já em andamento.

O equilíbrio de Freyr não é constante. Indo e voltando constantemente. Sol e chuva, paz e guerra, inverno e verão, mulheres e homens, trabalho e descanso, sorte e azar. Juntas, as mãos de *Tuisto* são as forças criativas e progressivas, que na Escandinávia se chama *Élivágr*. O movimento do mar é a constante do universo; ondulando para frente e para trás. É o ritmo do pulmão do universo.

Irmisûl, por Varg Vikernes

IV

Nosso mundo foi criado em cooperação entre essas três proto-forças. Entre *Múspellheimr* (os astros) e *Niflheimr* (a matéria congelada do espaço) existia o *Gínungagap* (o vazio). O universo estava descansando. Estava inativo. Foi o estado de completo equilíbrio.

Após esse descanso de Freyr, o universo acordou. A força de Odin espalhou matéria para todas as direções novamente. As estrelas começaram a derreter a matéria congelada do espaço onde outrora se encontravam *Gínungagap*, o vazio.

Em *Múspellheimr* existia o seio divino, a explosão que deu nova vida para o universo. Em *Niflheimr* existia o pensamento divino congelado. O gelo derreteu e a atividade se deu novamente.

No *Ragnarök* as forças opostas cancelam umas as outras até que uma única força reste. Mas a força gravitacional é constante, enquanto a força da explosão só funciona por um limite de tempo. A gravidade sempre irá vencer. E sempre, após um período de tempo, forçará a massa do universo a se reunir novamente.

A marca disso é a preparação dos deuses para o *Ragnarök*. Odin tem se esforçado para vencer essa batalha, mesmo sabendo que sempre irá perder no fim.

Sempre irá morrer, não importa a força que coloque na explosão – pois a gravidade é constante, enquanto seu poder cessará após algum tempo. Isso que está por vir será a destruição do *Jotun* do nosso mundo. Destruídos quando os planetas e estrelas serão forçados a se reunirem novamente. O céu cairá.

Mas os humanos voltarão novamente. *Lif* (a força da vida) e *Lífprasi* (a vontade da vida) se escondem no bosque *Hoddmímis*. Lá se alimentam com o orvalho da manhã. Quando o universo novamente explode, o gelo derrete e a força da vida se torna ativa novamente. Nenhum *Ragnarök* pode destruir esses tesouros da memória.

V

O universo é o pulmão de *Tuisto*, que respira de modo ritmado, inspirando e expirando. Seu cérebro é o pensamento que se congela quando o universo entra em colapso. Esse pensamento se torna ativo novamente quando *Tuisto* expira, deixando a explosão de Odin se aquecer. O pensamento de *Tuisto* toma forma e cria um novo universo vivo.

O pensamento de *Tuisto* direciona suas duas palmas. A força da explosão está em uma delas, a gravidade noutra. Uma delas é o buraco branco do universo, a outra é o buraco negro do universo. Com elas, *Tuisto* pode mover corpos celestes, assim como irradiar, aumentar ou diminuí-los.

Em cada buraco negro existem as chamadas "singularidades nuas". Além desses, existem buracos invisíveis no universo, que chamamos de "buracos de minhoca", aonde objetos podem adentrar a fim de sair em um local completamente diferente no universo

– independentemente de tempo e espaço. As saídas desses buracos são o que chamamos de "*buracos brancos*". A massa que fora dragada através do buraco negro (pela força da gravidade) encontra um buraco branco como alternativa, donde salta em egresso do buraco branco com uma enorme força.

Os buracos negros somente ficarão mais massivos, e irão gravitar mais e mais matéria, até que se torne tão grande que possa engolir toda a matéria do universo. Aí é que entra o papel do *Irmisûl*, pois é ele *Tuisto*, o deus-pilar ao centro – o trono, que supostamente deve balancear as duas proto-forças. O cérebro de *Tuisto*, o pensamento, pode colocar buracos de minhoca dentro dos buracos negros, de modo que esvaziem mais rapidamente do que sugam massa. Assim uma mão nega as ações da outra, resultando no balanço.

VI

Questões eternas conectadas à criação são: Como os seres humanos foram criados? Como eram os primeiros humanos criados? Onde, como e por quê? Nem a teoria da coincidência da ciência nem o criacionismo religioso são muito realistas ou credíveis.

Na nossa cultura temos três alternativas grosseiras. A ciência, as religiões semíticas e a nossa própria teoria germânica. As duas primeiras nós fomos obrigados a aprender, independente de querer ou não, quando entramos na escola para uma lavagem cerebral. Já a nossa própria teoria, por outro lado, é completamente desconhecida. Nós a esquecemos.

Tenho motivos para acreditar que a nossa raça pode não ter sido criada aqui na terra; ao contrário fora recriada. Robôs de outro sistema estelar podem ter sido mandados para criar uma família humana aqui também – caso queira uma descrição mais detalhada sobre como isso poderia ter acontecido, veja meu terceiro livro, "*EihwaR*". Afirmando que o motivo mais provável para essa criação é que nossos irmãos raciais lá do espaço queriam ficar imortais. Mas essa não é toda a verdade, pois não explica o motivo deles quererem se tornar imortais.

O universo pode ser comparado a uma criança pulando de um trampolim. Quanto maior for a força de impacto no

trampolim, mais alto chega a criança antes de ser puxada para baixo pela gravidade. Foi por isso que Odin construiu *Valhalla* e deseja retardar o *Ragnarök* o máximo que puder. Ele não pode parar o fim do mundo, mas pode retardá-lo.

Só há um modo de retardar o colapso do universo, exceto tornar o *Big Bang* mais poderoso, mas com a ajuda dos buracos negros e brancos – ou seja, com a ajuda das duas mãos de *Tuisto*. Essas mãos precisam ser guiadas por *Tuisto* – pelo *Irmisûl*. O *Irmisûl* poderia assim, teoricamente, manter o universo se expandindo eternamente. Com o cérebro de *Tuisto* – o pensamento – buracos de minhoca podem ser movidos, podendo “*esvaziar*” os buracos negros que se tornarem muito grandes. Desse modo o pensamento pode manipular a massa do universo por toda a eternidade; isso depende do pensamento ser poderoso o suficiente e de sobreviver o suficiente para estar apto a isso. Não podendo se congelar e se tornar inativo novamente, pois então um colapso e um novo *Big Bang* seriam inevitáveis.

Os seres humanos têm o poder do pensamento. Nós pensamos, nós criamos. O motivo por trás da criação do homem é de avançar mais alguns passos. Retornamos a mitologia e percebemos que o filho de *Búri*, ou seja, o filho de *Tuisto*, *Börr/Mannus*, teve três filhos: *Odin/Istwô*, *Vilir/IrminiaR*, e *Véi/IngwaR*.

No princípio, os três filhos puderam criar o mundo de *Ymir*, o primeiro gigante (a massa total). O próprio *Tuisto*

não pode, tampouco seu filho. A razão disso é que os netos de *Tuisto* eram uma manifestação combinada entre o pensamento, *Bórrj Mannus*, e a matéria, *Bestla*. *Bestla* era a filha de *Bölþorn*. Esses dois nomes significam respectivamente “o melhor sangue” e “espinho imperfeito (matéria)”. Em outras palavras, *Tuisto* teve que prender o melhor da matéria imperfeita antes que ele pudesse criar o mundo (dos humanos).

Os seres humanos são uma combinação entre espírito e matéria, de mente e corpo. O mito dos três netos de *Tuisto* é o mito da criação humana. Os homens por si só foram os que criaram o mundo. Somos nós que construímos e nos movemos ao redor dos corpos celestes. Nossos antepassados distantes, se realmente enviaram robôs aqui para nos criar, estavam muito a nossa frente em termos de desenvolvimento. Eles tinham tecnologia para enviar robôs inteligentes e independentes. Tinham tecnologia muito mais evoluída e superior que a nossa, em comparação.

O pensamento de *Tuisto*, que move e utiliza buracos brancos e negros é a própria tecnologia. Apenas com tecnologia avançada é que podemos influenciar a evolução do universo. A humanidade – que pode por si mesma se sentar ao trono – é a força que pode balancear as “proto-forças”.

Não podemos fazer isso hoje, mas seremos aptos a fazer isso no futuro – se os nossos descendentes se desenvolverem na direção certa. Precisamos melhorar

nosso poder de pensamento, nossa inteligência; através de eugenia e de uma cultura que venere e enfatize a inteligência. Essa, portanto, é uma das respostas do porque dos humanos terem sido criados. Nós somos Freyr, sentamo-nos no trono entre as mãos de Tuisto, ilustramos nossos antepassados quando puxaram os vagões exibindo os seres humanos; os que eles disseram serem deuses (Freyr e sua esposa). Eles estavam certos.

VII

Como ou onde teria sido criado o primeiro humano são questões difíceis de responder. Nossa mitologia nos conta que *Óðinn*, *Lóðurr* e *Hœnir* certa vez caminhavam ao longo de uma praia. Lá encontraram duas lascas de madeira jogadas que se assemelhavam a eles. Eles, respectivamente, deram-lhes espírito e vida, os sentidos, movimento, as boas cores, a visão, a fala, a audição e a aparência. Isso é tudo o que sabemos; o pensamento ligado à matéria e colocado em movimento. Como e onde isso aconteceu será sempre um mistério até nova ordem.

Se nós pensarmos somente no por que da criação do homem estaremos aptos a entender também o porquê da criação do universo mais facilmente, e também porque devemos tentar mantê-lo em expansão o máximo possível.

A criança que está pulando no trampolim não gostaria de simplesmente pular, ela gostaria de deslizar no ar, ou melhor, gostaria de poder voar! É isso que buscamos: poder segurar o universo no ar, “voar” com o universo.

Mas porque deveríamos voar? Para onde estaríamos indo com o universo?

O objetivo mais básico de tudo nesse universo é a busca pela melhoria e pelo desenvolvimento. Isso vale para o

feto no ventre da mãe, para o ser humano após o nascimento, para planetas e estrelas, para plantas e animais – e para o universo, pulmão e cérebro de *Tuisto*. O desenvolvimento não reside na expansão do universo, mas na sua existência ao longo do tempo. O universo deve existir por algum tempo para alcançar um novo nível de desenvolvimento, assim como uma criança deve viver certo tempo até que atinja a idade adulta. A tarefa do homem é manter o universo vivo o maior tempo possível, sendo assim que ele possa crescer.

Da mesma forma que uma criança desenvolve novas características ao longo dos anos, o universo também o faz. A criança atinge a puberdade e passa a poder se reproduzir. A visão da criança melhora, sua inteligência aumenta. A criança se torna mais forte. Não sabemos ao certo quais atributos o universo desenvolverá com o tempo, mas sabemos que a nossa tarefa é cuidar para que o universo possa se desenvolver o máximo possível; antes de finalmente entrar em colapso e precisarmos iniciar tudo do começo novamente.

Em relação aos atributos que o nosso universo já desenvolveu, posso mencionar a vida e, portanto, uma chance para uma melhor manutenção do universo. Assim o universo desenvolveu um potencial de autopreservação através do potencial dos seres humanos de desenvolver tecnologias, que poderá nos permitir manipular buracos brancos e negros.

As possibilidades são infinitas. As possibilidades por si só deveriam ser suficientes para que cada humano se submeta a desenvolver uma melhor e mais inteligente forma humana.

Irmisûl, por Varg Vikernes

VIII

O registro evolutivo da humanidade vai além das sombras da Raça Polar, da nebulosa Raça Hiperbórea, da andrógina Raça Lemuriana de gigantes, os gigantes da Raça Atlante e dos homens criativos da Raça Ariana – meu segundo livro, "*Germansk mytologi og verdensanskuelse*", detalha mais a questão.

Na nossa corrente evolutiva existem sete raças, as cinco supracitadas e mais duas outras. Somente a sétima está completa e pronta para entender e desenvolver a tecnologia. Nós precisamos elevar o universo ao mais alto nível de evolução.

A Sexta Raça será chamada de Raça Solar e será constituída por arianos puros de inteligência e corpo altamente desenvolvidos. Todos os camaradas deverão se unir à Escandinávia; ou se juntar à Escandinávia através de alianças políticas e militares através de suas próprias nações.

A Nova Europa irá, em outras palavras será liderada e dirigida pela Escandinávia – a Fortaleza da Tribo Ariana. Escolas e demais centros educativos devem ser construídos sobre uma Escandinávia Pagã. Assim parentes de todo o mundo – principalmente da Europa e dos Estados Unidos da América – irão migrar para aprender o pensamento do *Irmisûl*.

Irmisûl, por Varg Vikernes

IX

O ser humano é o espelho do universo. Somos um microcosmo num macrocosmo. O desenvolvimento do universo acontece como no outro. A criança pula no trampolim e é puxada para baixo pela gravidade, e isso tem sua parte correspondente na humanidade para isso seria a relação entre a vida e a morte. Nós nascemos e somos puxados pela morte novamente através do tempo. Podemos até adiar a morte, mas ela sempre irá nos apanhar. A morte é como a gravidade para o microcosmo.

Para evitar o colapso do universo é preciso, antes de tudo, fazer com que nós mesmos evitemos a morte. A morte em si não é perigosa, mas o esquecimento é! Todo o conhecimento adquirido ao longo da vida desaparece (inconscientemente) quando o humano morre. O renascimento apenas traz uma vaga memória do que uma vez fora a consciência. Devemos ser educados desde o início novamente. Tudo deve ser aprendido desde o começo.

Quando o universo morre, o pensamento de *Tuisto* se congela. Tudo que existia na vida anterior deve ser criado ou encontrado novamente. E esse também é o caso dos seres humanos. A criança que desejava voar na metáfora do trampolim é idêntica ao ser humano que deseja nunca esquecer (nunca morrer). Não era a morte que os

feiticeiros antigos (os que buscavam a imortalidade) temiam, mas o esquecimento.

Com a Sexta Raça estamos, portanto, buscar a anulação do efeito de nascimento e morte. Vamos buscar um desenvolvimento humano e tecnológico suficientemente avançado para que possamos transferir as experiências dos humanos para suas próximas vidas. Viveremos em um novo corpo, mas com as mesmas consciências. Em outras palavras, seu “ego” será o mesmo, mas em um corpo diferente. Todo o conhecimento, toda a experiência e todo o senso será os mesmos. Essa é a imortalidade da nossa consciência pessoal. Então a imortalidade física passará a ser procurada.

A manutenção da higiene racial é absolutamente necessária, pois as falhas de DNA devem ser mínimas. Todas as divergências e contradições que existem num corpo que contém sangue de múltiplas raças são perigosíssimas nesse contexto. É como na mecânica: quanto mais preciso o maquinário, menos falhas podem ser toleradas. Assim devemos adorar somente o ser humano mais inteligente, o mais forte (fisicamente e espiritualmente), o mais limpo e bonito (o exterior reflete o interior) – o que chega mais perto da perfeição. Com a abolição do esquecimento pela morte e com a introdução da imortalidade física, nascerá a sétima raça – a Raça Astral. O processo relacionado a esses dois objetivos é o sexto nível de desenvolvimento da humanidade: a Raça Solar.

X

A feitiçaria de que ouvimos falar nos contos de fadas, a feitiçaria criada pela nossa fantasia, é na realidade uma memória de uma época há muito tempo esquecida. São lembranças de algo que outrora já fora. O universo anterior desenvolvera tais super-humanos e seus fantásticos poderes. Agora a nossa tarefa é correr atrás do que esquecemos e desenvolver melhor o nosso ser.

Mesmo no desenvolvimento da nossa própria raça os esquecemos de coisas que já havíamos entendido; o conhecimento do Fogo Grego, a arquitetura que nos fora necessário para a construção das pirâmides dos *Khemets* (egípcios), a eletricidade da Suméria (que já readquirimos) e uma série de outras coisas talvez nem mais saibamos a essas horas. A queima das livrarias de Alexandria efetuadas pelos judeu-cristãos nos atrasou milhares de anos.

Nós não sabemos exatamente o quanto a peste espiritual judaico-cristã tem dificultado a evolução, mas sabemos que devemos encontrar o caminho de volta para o nosso ideal Indo-Europeu; para o desenvolvimento natural, e através disso, nos movermos para frente novamente. A trilha que devemos seguir para alcançar isso é o *Irmisûl*!

Arianos saudáveis devem se unir em torno do *Irmisûl*. A inteligência deve ser cultuada. A pureza racial deve ser

cultuada. Isso só se realizará quando o nosso povo adotar a visão de vida baseada no que defendemos no AHF (*Allgermanische Heidnische Front*). Temos então que ver o que eles fazem.